

Sophia de Mello Breyner Andresen

# HISTÓRIAS DA TERRA E DO MAR



Joana voltou para a sala. Tudo agora, desde o fogo da estrela até ao brilho polido da mesa, se tinha tornado desconhecido. Tudo se tinha tornado acidente absurdo, sem ligação, sem reino. As coisas não eram dela, nem eram ela, nem estavam com ela. Tudo se tornara alheio, tudo se tornara ruína irreconhecível.

E, tocando sem os sentir o vidro, a madeira, a cal, Joana atravessou como estrangeira a sua casa.

1966

## A CASA DO MAR

A casa está construída na duna e separada das outras casas do sítio. Esse isolamento cria nela uma unidade, um mundo. O rumor das ondas, o perfume do sal, o vidrado da luz marinha, o ar varrido de brisas e vento, a cal do muro, os neveiros imóveis, o arfar ressoante do mar estabelecem em seu redor grandes espaços vazios, tumultuosos e limpos onde tudo se abre e vibra.

A casa é construída de pedra e cal e a sua frente está virada para o mar.

No andar de cima da fachada há três janelas e uma varanda com grades de madeira. No andar de baixo há três janelas e uma porta. Essa porta, as janelas e as grades da varanda estão pintadas de verde. No chão, ao longo da parede, corre um

passeio de pedra que separa a casa das areias da duna.

Para além das dunas a praia estende-se a todo o comprimento da costa e só o limite do olhar a limita. E, de norte a sul, ao longo das areias, correm três linhas escuras e grossas de algas, búzios e conchas, misturados com ouriços, pedaços de cortiça e pedaços de madeira que são restos de bóias e de barcos. Sobre a areia molhada que a maré cheia alisou o poisar das gaivotas deixa finas pegadas triangulares, semelhantes à escrita de um tempo antiquíssimo. As traseiras da casa dão para um jardim inculto e rude e áspero onde o vento que dobra os arbustos se precipita e dança em volta do poço redondo. O chão está coberto de pequenas pedras soltas que rangem e saltam sob os passos. Presa num arame a roupa lavada a secar ao sol estala e palpita como as velas de um navio.

A norte, a leste e a sul o jardim é limitado por três muros toscos feitos de calhaus de granito sem reboco. No muro do fundo, que dá para a rua

deserta onde os plátanos sonham devagar a própria sombra, há uma cancela que continuamente bate e gira e geme no vento.

Vai-se escangalhando dia a dia e, quando os gonzos rebentarem, ficará muito tempo caída no chão sem que ninguém a apanhe.

No lado poente, onde os dias duram e luzem e se arrastam, o jardim avança pela duna e confunde-se com a praia, apesar dos pilares de granito que marcam os seus limites. Dali se avista, para o sul, no extremo da distância, para lá da foz do pequeno rio onde a costa se encurva levemente, uma cidade que vem até à orla do mar. O seu recorte esfuma-se um pouco nas névoas marítimas mesmo quando o tempo está radioso. Porém, em certos dias, a cidade de repente torna-se extremamente nítida e concisa, quase geométrica, e vê-se claramente a torre aguda e fina da igreja. Então sabe-se que vai chover.

Entre a casa e a cidade longínqua estendem-se as dunas como um grande jardim deserto, inculto e

transparente onde o vento que curva as ervas altas, secas e finas faz voar em frente dos olhos o loiro dos cabelos. Ali crescem também os lírios selvagens cujo intenso perfume, pesado e opaco como o perfume de um nardo, corta o perfume árido e vítreo das areias.

Dentro de casa o mar ressoa como no interior de um búzio. Quando abro as gavetas a minha roupa cheira a maresia como um molho de algas. Profundos os espelhos reflectem demoradamente os dias. E em frente das janelas o mar brilha como inumeráveis espelhos quebrados. Os móveis são escuros e finos, sem verniz, encerados. O chão é esfregado, as paredes caiadas. Em todas as coisas está inscrita uma limpeza de sal. A exaltação marinha habita o ar. A casa é aberta e secreta, veemente e serena. Nela o menor ruído — tinir de louça, degrau que range, respiração do vento, comboio que ao longe passa — é escutado. A casa está atenta a cada coisa. Todos os dias a renovam. A mais leve nuvem que passa ensombra o vidro dos espelhos.

Nela cada dia é único e precioso como se contivesse a totalidade do tempo. No brilho da mesa, na transparência do copo, há como que uma intensidade repousada.

Quem chega pelo lado de trás da casa entra num corredor largo onde há um grande armário de madeira escura no qual estão guardadas loiças. À direita, depois da copa, fica a cozinha onde uma pequena mulher temível reina em frente ao fogo. A cozinha é o antro da casa. É escura no interior da casa branca. Nela secam as ervas e as chaleiras gemem e soluçam como se sofressem. Apesar do fresco cintilante dos peixes, apesar do vermelho das carnes, apesar do amarelo dos limões, do verde polido dos pimentos empilhados no prato de barro, apesar do orvalho das manhãs que treme ainda na dureza tenra das grandes couves redondas e fechadas, a cozinha, com seus ferros, suas chamas, suas facas agudas, seu cantar de chaleiras, seus fumos, seu frigar de óleos, seu cheiro de amêndoa, gordura, fogo e fruta, tem algo de inquietante que

acompanha o longo catálogo de malefícios, desgraças, acidentes, doenças, perigos, prenúncios e ameaças suspensas que a pequena mulher temível continuamente recorda em frente do fogo.

À esquerda da copa, no lado da casa que dá para a praia, fica a sala de jantar. Tem no meio uma mesa comprida rodeada de cadeiras e em cada ângulo dos muros pequenas cantoneiras de madeira.

No centro da mesa há um fruteiro redondo onde maçãs vermelhas se recortam sobre a madeira escura e contra a cal das paredes. Polidas e redondas as maçãs brilham e parecem interiormente acesas, como se as habirasse o lume de uma intensa felicidade à qual responde o luzir do mar cujo azul cintila entre as persianas. E, quando as vidraças estão abertas, o perfume seco das dunas mistura-se com o perfume das maçãs.

Da sala de jantar passa-se para uma sala quadrada onde há uma porta que dá directamente para o patamar de pedra que confina com a duna.

Quem vem de fora sacode os pés antes de entrar para não encher a casa de areia. Ali as cadeiras de vime pintadas de castanho quase preto fazem um círculo à roda da mesa baixa onde o cigarro poitado no cinzeiro arde sozinho ao lado de uma jarra cheia de dalias vermelhas. Nesta sala reinam as fotografias.

Cercadas pelas molduras de prata, ora ovais ora redondas, ora rectangulares, as fotografias estabelecem, dentro do tempo, outro tempo, e, dentro de casa, outras casas e lugares e jardins. Verdes jardins sombrios e secretos cujo sussurrar se funde no silêncio. Largas salas de muros claros com mobílias império e cortinados brancos, onde respira a brisa. Claras varandas debruçadas sobre o tanque rodeado de vasos. Salas, varandas, jardins habitados por personagens que são, todos eles, estranhamente belos: como se o seu corpo fosse a sua alma. Talvez a arte do fotógrafo os tivesse idealizado, talvez o tempo tivesse feito uma escolha, ou talvez que, nessa época, só as pessoas belas fossem

fotografadas. No papel semi-brilhante e semi-baço das fotografias pessoas e lugares, como se o tempo ali fosse outra coisa, vivem, sem cessar, a paixão e veemência do instante objectivo: a mão polida pela penumbra e pela luz e que docemente poisa sobre a mesa, o perfil sereno e claro com o cabelo brilhando sobre o vestido escuro, o colar de conchas grossas em redor do pescoço fino, a pedra da escada, a sombra da tília sobre os ombros, a hera cobrindo o granito do muro, o longo corredor que tem, ao fundo, uma arca de cânfora sob o quadro do homem a cavalo, o quarto onde o rosto emerge branco da sombra, enquanto o espelho, ao fundo, mostra o outro lado do perfil.

A parte de trás da casa forma um L pois o lado sul se prolonga numa ala formada por quatro quartos dispostos ao longo do corredor que contorna a casa. Das janelas desses quartos virados para o sul não se vê o mar: vê-se a chorina de grossos dedos verdes e de flores amarelas e roxas que cresce no

jardim de areia, vê-se o muro de granito e, para lá do muro, a duna onde as ervas secas e transparentes desenhavam o ar e, aqui e além, ao longe, se avistam telhados, e se ouve, solitário, o ladrar dos cães. No andar de cima, mais pequeno do que o andar de baixo, há só quatro quartos. Para eles se sobe pela escada de madeira que estala e canta sob os passos acompanhando as idas e vindas da casa.

O quarto que fica ao cimo da escada, à esquerda de quem sobe, é um quarto pequeno onde a cama enche a parede do fundo, e a cómoda ocupa, quase por inteiro, a parede que fica ao lado da porta e em frente da janela. Por cima da cómoda há um espelho onde se vê o mar. A cama e a cómoda são móveis antigos, amplos e pesados e atravancam um tanto o quarto onde não há muito lugar para o movimento das pessoas. É um quarto para dormir ou para longas sextas semi-acordadas em tardes de Agosto e nortada, quando o vento cintila, o sol cintila e a portada verde bate. Quando está frio corre-se o vidro da janela de guilhotina e

então o exterior parece nebuloso e fosco porque os vidros entre os caixilhos de madeira estão picados e despolidos pelo morder do sal.

No fundo do corredor, no outro extremo desse andar, há um quarto grande e comprido, orientado de este a oeste no sentido do comprimento, e todo atravessado pela luz que vem do mar. É um quarto simultaneamente luminoso, esverdeado e sombrio. Nas suas penumbras brilham pontos de oiro. E há reflexos vagabundos que vagueiam entre loiças, vidros, pratos, espelhos. No ar paira o perfume que sobe de um frasco de vidro doirado e preto que alguém deixou destapado.

Uma nuvem de fumo azul sobe muito lentamente. O quarto está cheio de livros empilhados nas mesas, na estante e mesmo nas cadeiras. Livros de capas amarelas e brancas e cinzentas. Alguns, dobrados ao meio, mostram a cor de trigo do papel e o desenho contínuo e cerrado das letras.

O quarto tem algo de glauco e de doirado como se nele morasse uma mulher de olhos verdes

e cabelos loiros, leves e compridos, de um loiro brilhante e sombrio, e cujo perfume é o perfume do sândalo. A beleza da sua testa é grave como a beleza da arquitecra de um templo. Nos seus pulsos há um quebrar de caule. Nas suas mãos, atraídas da finura da pele e do azul das veias, o pensamento emerge. Nesse quarto se vê a pausa em que o instante, de súbito, surpreende e fita e enfrenta a eternidade. E ali se vê o brilho vivo que navega no interior da sombra. Ali se ouve a linguagem que, como nenúfar, aflora à tona das águas paradas do silêncio. Porque o quarto sussurra como se fosse o interior de uma tília onde palpitam miríades de folhas verdes cujo reverso é branco e que batem como pálpebras, ora revelando ora escondendo o interminável brilho dos olhos magnéticos, verdes, cinzentos, azuis e desmesurados como mares. Ali o ar, em frente dos espelhos, oscila e parece arder como se as mãos, macias como pétalas de magnólia, alisassem e torcessem longas madeixas de cabelo denso como searas e leve como o fogo.

No entanto, às vezes o espaço torna-se apaixonadamente vazio, como se apenas o povoasse um longo e monótono e alucinado mar e tudo fosse impossibilidade, separação e distância, ou como se aquele quarto fosse o umbral do vazio, do indizível, da solidão total, do caos, da noite, do indecifrável.

É ali que, nas noites de vento sul, incide com mais força o clamor do temporal. Então, às vezes a janela abre-se de repente e o cheiro das flores selvagens da duna passa através da casa.

Esse quarto grande e comprido comunica com um quarto pequeno e quadrado, onde a parede da esquerda está quase totalmente ocupada por um toucador de mogno e mármore que tem, no centro, um grande espelho oval. No toucador reinam os boiões e os frascos, as escovas e os pentes. Há o frasco de vidro dentro da caixa verde, a caixa de loiça, a tesoura, o anel esquecido, a écharpe caída.

Quem sai do quarto do fundo e espreita pela janela do corredor que dá para o pátio das tra-seiras vê, lá fora, os dois perdigueiros que erguem a cabeça quando alguém, com o nó dos dedos, para os chamar, bate nos vidros.

Entre o quarto do fundo e a escada, exactamente no centro da casa, fica o quarto que dá para a varanda de madeira pintada de verde.

Nesse quarto os móveis – o divã, a mesa estreita e baixa, a pequena cómoda com o espelho, o armário – estão encostados à parede e o quarto tem, no centro, em frente do espelho, um espaço livre como um palco onde a luz, o neveiro e os gestos dançam.

Sobre a mesa verde, ao lado dos cadernos de capa de oleado, onde, na leve escrita acinzentada do lápis, as palavras se alinham dia após dia como se emergissem dos dias, está uma jarra de vidro coalhado azul cheia de cravos cujo perfume se recorta, nítido e delimitado, no perfume salino do ar.

Nas paredes brancas reflecte-se uma grande claridade de areal e o sabor a algas, como um grito de contínua alegria, invade todos os espaços, gavetas, armários, roupas, caixas, livros. Aqui, de manhã, se é acordado por um marulho de vaga e o dorso do mar coberto de brilhos cintila entre as persianas como um peixe na rede. O fulgor exterior assedia as orlas da penumbra. No centro vazio do quarto pode-se dançar. Os gestos deslizam entre o animal e a flor como medusas.

E, às vezes, de súbito, uma gaivota atravessa, sem o quebrar, o vidro dos espelhos. Porém, como um jardim Zen, o quarto é também um lugar de contemplação. A luz é lisa. O espaço está atento, o silêncio imóvel. Mas esse silêncio e essa atenção recebem em si a larga respiração oceânica que no quarto implanta seu tumulto ébrio e lúcido.

Há na casa algo de rude e elementar que nenhuma riqueza mundana pode corromper, e, apesar do seu halo de solidão e do seu isolamento

na duna, a casa não é margem mas antes convergência, encontro, centro.

Quem nas janelas do corredor olha para fora e vê o muro de granito, as árvores na distância e os telhados a oeste, aquilo que vê aparece-lhe como um lugar qualquer da terra, como um acidente, um lugar ocasional entre o acaso das coisas.

Mas quem do quarto central avança para a varanda e vê, de frente, a praia, o céu, a areia, a luz e o ar, reconhece que nada ali é acaso mas sim fundamento, que este é um lugar de exaltação e espanto onde o real emerge e mostra seu rosto e sua evidência.

Pelo gesto de dobrar o pescoço e de sacudir as crinas, as quatro fileiras de ondas, correndo para a praia, lembram fileiras brancas de cavalos que no contínuo avançar contam e medem o seu arfar interior de tempestade. O tombar da rebentação povoa o espaço de exultação e clamor. No subir e descer da vaga, o universo ordena seu tumulto e seu sorriso e, ao longo das areias luzidias, mare-

sias e brumas sobem como um incenso de celebração.

E tudo parece intacto e total como se ali fosse o lugar que preserva em si a força nua do primeiro dia criado.

1970

## SAGA